

OS ABUTRES DO VATICANO  
BENTO XVI NA ENCRUZILHADA

ERIC FRATTINI  
Com a colaboração de Valeria Moroni

OS ABUTRES DO VATICANO  
BENTO XVI NA ENCRUZILHADA

Tradução de  
PEDRO CARVALHO



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2013

«O que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia;  
O que vos é dito ao ouvido, proclamai-o sobre os telhados.»

— Mateus 10, 27

«Quando se elimina a justiça,  
o que são os reinos senão grandes bandos de ladrões?»

— Santo Agostinho

«Se vos mordeis e devorais uns aos outros,  
acabareis por vos destruir mutuamente.»

— Carta de Bento XVI aos bispos

## BENTO XVI NA ENCRUZILHADA

A 19 de abril de 2005, o cardeal Joseph Aloisius Ratzinger era eleito novo Sumo Pontífice, três dias depois de celebrar o seu septuagésimo oitavo aniversário e após dois dias de conclave e igual número de fumos negros. Imediatamente após a sua eleição, durante o encontro informal com aqueles que tinham sido os seus mais estreitos colaboradores na Congregação para a Doutrina da Fé, o já papa Bento XVI disse: «Esperava retirar-me pacificamente e, até certa altura, disse a Deus: “Por favor, não me faças isto...” É evidente que, desta vez, Ele não me ouviu.» O cardeal Ratzinger tinha repetido em várias ocasiões que gostaria de se retirar para uma tranquila aldeia bávara, para se dedicar à escrita de livros de filosofia, ainda que alguns membros da cúria próximos de si o tivessem ouvido dizer que estava pronto para «qualquer função que Deus me queira atribuir». É claro que Bento XVI pertence a essa grande tradição que demonstra o carácter provisório das decisões no interior dos muros do Vaticano.

O que o novo Pontífice não sabia naquele momento era que, tal como João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II, se iria deparar com um osso duro de roer: o IOR (Instituto para as Obras Religiosas) ou Banco do Vaticano.

### A REALIDADE SUPERA SEMPRE A FICÇÃO

Hoje em dia, como há séculos, adequar-se-ia na perfeição uma frase que um bom amigo e importante advogado, especialista em Direito

Canónico e conhecedor das intrigas do Vaticano, me disse em certa ocasião: «Nunca te esqueças, caro Eric, que, para o Vaticano, tudo o que não é sagrado é secreto.» Não restam dúvidas de que tinha razão. Apesar de o secretário de Estado da Santa Sé, o cardeal Tarcisio Bertone, ter chegado a declarar que «alguns jornalistas e escritores divertem-se a imitar Dan Brown», o polémico autor de *O Código Da Vinci e Anjos e Demónios*, há que reconhecer que não há nada como meter no mesmo pote mordomos traidores; fugas de documentos; comissões secretas de investigação ao serviço da espionagem e da contraespionagem do Vaticano; prelados que denunciam a corrupção e são, de imediato, afastados de São Pedro; lavagem de dinheiro; altos membros da máfia siciliana; uma conspiração para assassinar o papa; uma adolescente desaparecida e, supostamente, usada como escrava sexual; uma guerra entre jornalistas e diretores da imprensa católica; um presidente cessante do IOR com medo de ser assassinado... e temperar a mistura com um intrigante secretário de Estado, para fazer as delícias de qualquer pessoa que queira imitar o famoso escritor norte-americano. E, de facto, no Estado da Cidade do Vaticano, a realidade supera sempre a ficção.

«Quando se suprime a justiça, o que são os reinos senão grandes bandos de ladrões?», escreveu Bento XVI na sua primeira encíclica, *Deus caritas est*, em 2005, usando uma frase de Santo Agostinho. Decreto que o novo papa não sabia que, sete anos mais tarde, a imagem pública do Vaticano se ia tornar num precioso assunto de primeira página.

Os «reveladores» de documentos afirmavam, para quem os quisesse ouvir, que o faziam por amor ao Sumo Pontífice, cuja casa pretendiam ajudar a limpar. O vaticanista Sandro Magister destacou num artigo que, «embora nenhuma das malfetorias reveladas nos documentos implique a sua pessoa, o certo é que todas elas recaem inexoravelmente sobre ele». Outros criticaram abertamente o facto de a linha ténue que, no Vaticano, separa os atos ilícitos dos de pura ineficácia ser hoje quase inexistente. Não existem uns sem outros.

A luta intestina e sangrenta, aberta no seio do Sacro Colégio Cardinalício, é uma das frentes abertas com que o papa se debate atualmente. Na guerra desencadeada pelos cardeais Tarcisio Bertone e Angelo Sodano, atual decano dos cardeais, toma parte, entre outros,

o cardeal Attilio Nicora, inimigo do secretário de Estado Bertone desde a época em que Sodano foi secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, na década de 90 do século passado. Entre os «críticos» de Bertone, consta, entre outros, o poderoso cardeal francês Jean-Louis Pierre Tauran, acérrimo seguidor de Angelo Sodano, ex-secretário de Relações com os Estados da Secretaria de Estado e antigo responsável da Biblioteca do Vaticano e dos Arquivos Secretos. O francês aproveitou todas as oportunidades ao seu alcance para denunciar os falsos movimentos em matéria de política externa levados a cabo por Tarcisio Bertone. De facto, Tauran chegou a criticar abertamente o facto de um homem como Bertone, «um homem inexperiente em termos de política externa e diplomacia», ter sido escolhido para secretário de Estado. O cardeal Nicora teve uma carreira bastante ativa dentro da Administração do Património da Sé Apostólica (APSA). Foi nomeado para esse cargo em outubro de 2003 pelo papa João Paulo II, afastado a 2 de abril de 2005 por Bento XVI, confirmado dezanove dias mais tarde no cargo e «demitido» em julho de 2011, ao que parece, por influência de Bertone.

«Estamos na equipa do Senhor, portanto, na equipa vencedora», disse Bento XVI, ao mais puro estilo empresarial norte-americano, no passado dia 21 de maio de 2012, durante um almoço com um pequeno grupo de cardeais. Pouco antes, o papa afirmara: «Toda a história é uma luta entre dois amores: amor de si próprio até ao desprezo de Deus e amor de Deus até ao desprezo de si próprio.» E acrescentou: «Nós estamos nesta luta e é muito importante ter amigos. No meu caso, estou rodeado pelos amigos do Colégio Cardinalício. [...] Sinto-me seguro nesta companhia.» Oito dias depois, o padre Federico Lombardi declarava categoricamente: «Não consta nenhum cardeal entre as pessoas investigadas ou suspeitas» (referindo-se ao caso das fugas de documentos).

Por mais que Bento XVI tente dar um ar de união dentro do Sacro Colégio Cardinalício, é bem sabido que nem todos são «amigos» e que nem todos jogam na mesma «equipa» do Senhor. Tarcisio Bertone e Angelo Sodano, pelo menos, não o fazem.

## CONTROLANDO A MÁQUINA

Já há alguns anos que circula pelos corredores do Vaticano uma anedota que reflete na perfeição as histórias paralelas dos últimos papas da história, o polaco João Paulo II e o alemão, Joseph Ratzinger. Cracóvia, inverno de 1944. Céu nublado, quase plúmbeo. Estrada enlameada. Na berma da estrada está estendido um jovem polaco descarnado, cheio de fome, com o rosto emaciado e a roupa suja. Um jovem soldado da Wehrmacht aproxima-se dele. Põe-se diante do polaco, saca da sua pistola *Lüger*, aponta-a à cabeça do infeliz e dispara. De súbito, Deus lança um raio e pulveriza a bala. O nazi, surpreendido, volta a disparar para a cabeça do jovem polaco e Deus volta a lançar outro raio que, uma vez mais, pulveriza o projétil. O alemão, já chateado, pergunta a Deus: «Porque proteges esta escória polaca?» E Deus responde: «Porque, um dia, esse polaco será papa.» O alemão duvida inicialmente, olha para o polaco, depois fixa os seus olhos no céu e responde a Deus: «Muito bem, mas depois dele serei eu<sup>1</sup>»

A anedota, embora ofereça uma imagem injusta e em nada real do atual Sumo Pontífice, mostra sim, de modo caricatural, as personalidades diferentes de Karol Wojtyła e de Joseph Ratzinger. O polaco foi um homem guiado pelo seu próprio destino e não pelos seus desejos, um homem aberto ao mundo que soube dirigir com mão de ferro a máquina do Vaticano, anquilosada e rebelde. O alemão é um homem que recorre à política e à negociação para alcançar os seus próprios fins mas, sem dúvida devido à sua faceta mais teológica e filosófica, carece da experiência do anterior, na hora de fazer frente à estrutura desconfiada do Vaticano, o que esteve na origem dos últimos sucessos ocorridos à sua volta.

Quando Bento XVI se vê submerso no escândalo das fugas de documentos secretos, conhecido como *Vatileaks*, em plena luta pelo poder entre os «bertonianos» do cardeal Tarcisio Bertone e os «diplomatas» do cardeal Angelo Sodano, ocorre-nos a frase de Ludwig von Pastor, um dos mais rigorosos e precisos investigadores da história

---

<sup>1</sup> Eric Frattini, *Los papas y lo sexo*, Madrid, Espasa, 2010. [*Os Papas e o Sexo*, Lisboa, Bertrand Editora, 2010.]

dos papas que, nos finais do século XIX, assegurava: «Não basta ser-se um bom monge para se ser um bom papa.» E o Estado da Cidade do Vaticano em nada mudou nos últimos dois séculos.

Em certa ocasião, um especialista no Vaticano disse-me: «No seio da corte dos papas o tempo não corre à mesma velocidade que fora dela.» Após sete anos de pontificado de Bento XVI, a verdadeira política do Vaticano, como acontece desde há séculos, continua a ser desenvolvida nos silenciosos e pouco iluminados vestíbulos, mobilados com sofás de veludo vermelho, portas duplas e estuques elegantes com pequenos anjos e odaliscas, a que só tem acesso quem é poderoso ou «amigo» dos poderosos. Ali, em meias palavras e frases não ditas mas subentendidas, os altos membros da cúria conseguem ativar e desativar descabros financeiros, ocultar escândalos e mover tanto preladados sem escrúpulos como elementos desejosos de «limpar» a Igreja por dentro, como se de peças de xadrez se tratassem. Numa máquina com 2012 anos de história e que se encontra perfeitamente oleada, tanto os primeiros como os últimos serão sempre incómodos.

«O IOR continua a ser o grande vírus do Vaticano, que se vai transmitindo de papa em papa, como se se tratasse de uma gripe ou da varíola, sem que nenhum esteja realmente disposto a combater o dito vírus ou, pelo menos, a procurar um antídoto.» Esta frase foi-me dita por um funcionário da Santa Sé e, à vista dos últimos acontecimentos, parece que não estava errada. O Instituto para as Obras Religiosas não é um banco qualquer. Tem o seu «balcão» no torreão de Nicolau V mas, para chegar até ele, não é preciso passar por nenhum detetor de metais, mas sim por um retém da Guarda Suíça. E para abrir uma conta no Banco Vaticano não basta conhecer o diretor da sucursal, mas ter antes o aval de uma alta instituição da Santa Sé. Os estatutos do IOR, assim como os acordos alcançados com as autoridades monetárias de Roma, permitem-lhe operar como se fosse um banco *offshore*, ou seja, à margem de qualquer tipo de controlo, como acontece com as entidades sediadas na Ilhas Caimão ou nas Baamas, no Luxemburgo, em Singapura ou na Suíça. Tal como os banqueiros destes paraísos fiscais, os do IOR asseguram aos seus clientes exclusivos uma discrição absoluta, transações opacas, uma completa impunidade e autonomia operacional. O que mais se pode pedir a um banco quando o que se deseja é branquear dinheiro?



O Banco do Vaticano possui um estatuto que impede que os altos membros da Santa Sé controlem a entidade. Nem sequer o secretário de Estado pode averiguar que tipo de transações o IOR realiza sem passar por um apertado filtro de direções e comités. Em 1990, o papa João Paulo II promoveu um estatuto — o único até à chegada de Bento XVI — através do qual se estabelecia que tipo de clientes poderiam ter contas no banco: entidades eclesiais, paroquiais e ordens religiosas, pessoas residentes no Vaticano, leigos e «um ou outro» estrangeiro, sempre e quando destinasse parte dos seus fundos a obras de caridade. Ou seja, não interessa nem ao Vaticano nem ao IOR saber de onde procedem os fundos, apenas assegurar-se de que o titular da conta destina uma parte destes a «obras de caridade». Além do mais, se tal não bastar, o IOR garante aos clientes que o dinheiro depositado nas suas contas se encontra livre de impostos. Desse modo, permite-se ao Banco do Vaticano que opere a partir do centro de Roma como se de um banco *offshore* se tratasse, ou seja, sem ter de passar por nenhum tipo de controlo. De acordo com o artigo n.º 2, o IOR «permite guardar e/ou administrar, livremente, bens imóveis transferidos ou encomendados ao Instituto por pessoas físicas ou jurídicas e sempre destinados a obras religiosas ou de caridade». Dito de outro modo: o IOR pode aceitar bens da parte de entidades e de pessoas físicas da Santa Sé e do Estado do Vaticano, o que implica que se podem abrir contas-correntes e usá-las no coração da Europa sem ter de respeitar a legislação internacional referente a acordos e barreiras bancárias contra o branqueamento de capitais. Este aspeto transformou-se num dos maiores quebra-cabeças do papa Bento XVI, que, em 2010, tentou dar a volta a essa política de «cruzar de braços». Contudo, como os factos o demonstraram, as suas decisões, que pareciam, a princípio, seguras e firmes, tornaram-se lassas e pouco eficazes.

#### UMA CHAMADA DE ATENÇÃO DO «PAPA NEGRO» AO «PAPA BRANCO»

No sábado, 12 de novembro de 2011, foi recebida uma carta na Secretaria do Sumo Pontífice que, à primeira vista, poderia parecer

uma simples demonstração de respeito de Adolfo Nicolás, tradicionalmente conhecido como o «papa negro», para com Bento XVI. Contudo, se analisarmos os factos que levaram o general dos jesuítas a enviá-la, podemos ver nela uma clara chamada de atenção para a situação que se estava a viver na Igreja. A carta vinha acompanhada de outra missiva, redigida por um aclamado casal da Holanda e, como já dissemos, ia dirigida diretamente a Bento XVI.

Nascido na localidade palentina de Villamuriel de Cerato, a 29 de abril de 1936, Adolfo Nicolás deu entrada no seminário de Alcalá de Henares, em 1953, com a clara intenção de se tornar jesuíta. Em 1961, mudou-se para Tóquio onde concluiu os seus estudos em Teologia, sendo ordenado sacerdote em 1967. Em 1971, depois de terminar o seu doutoramento na Pontifícia Universidade Georgiana, regressou ao continente asiático, onde, até 2004, assumiu diversas missões, principalmente relacionadas com a imigração. Desde essa data até 2008, foi presidente da Conferência de Provençais da Ásia Oriental e da Oceânia, mas a 19 de janeiro desse mesmo ano, os 217 jesuítas eleitores reunidos em Roma para a 35.<sup>a</sup> Congregação Geral viriam a nomeá-lo trigésimo Geral da influente Companhia de Jesus, cargo conhecido como «papa negro». Assim, Adolfo Nicolás, homem aberto e com experiência no diálogo inter-religioso, viria a suceder ao polémico Peter Hans Kolvenbach.

Seis dias após a sua eleição, o padre Adolfo Nicolás teve o seu primeiro encontro com a imprensa italiana. O novo Geral da Companhia de Jesus disse: «Vocês, os jornalistas, dizem que sou como o Arrupe, como o Kolvenbach, metade, metade, cinquenta por cento de cada, mas ninguém disse que tenho dez por cento de Elvis Presley. Mas podia-se dizer e não seria nenhuma surpresa. É tudo falso. Não sou o Arrupe [...]» Durante o encontro, um jornalista do diário *La Stampa* questionou-o acerca da sua relação com o papa Bento XVI. Nicolás esclareceu que tinham uma «certa» distância teológica e precisou:

A distância é mais teórica na imaginação de alguns; trata-se de um colóquio que continua, porque creio que a teologia é sempre diálogo. O mais importante é a procura da verdade e a procura da verdade inspirada na Palavra de Deus, na vida da Igreja, na vida dos cristãos. É neste

diálogo que talvez se possam encontrar, em algumas questões, as diferenças, mas sempre na procura comum da verdade<sup>1</sup>.

Contudo existia uma questão ainda mais importante de possível desacordo com o Vaticano que remetia para um simples facto teológico: a transparência. Adolfo Nicolás afirmou: «Eu penso ser transparente. [...] A transparência é uma atitude responsável para o bem dos outros, não para nós próprios. Não é tão importante o que as pessoas pensam de mim; é mais importante o bem dos outros.» É nesta perspectiva que poderemos situar o documento que Nicolás enviou a Bento XVI, a 12 de novembro de 2011:

Santo Padre:

Tive a honra e o privilégio de me encontrar e falar com o senhor Huber e com a senhora Aldegonde Brenninkmeijer, desde há muito grandes benfeitores da Igreja e da Companhia de Jesus.

O que mais me impressionou, quando falei com eles, foi o seu sincero e profundo amor para com a Igreja e para com o Santo Padre e também o seu compromisso em fazer algo que possa influenciar naquilo que consideram ser uma grave crise na Igreja.

Pediram-me a garantia de que esta carta, escrita com o coração, chegaria às mãos de Sua Santidade, sem intermediários. Por este motivo, pedi ao padre Lombardi [porta-voz da Santa Sé e membro da Companhia de Jesus] que dela fosse o mensageiro. Peço perdão com humildade se esta não for a forma mais apropriada.

Partilho as preocupações do senhor e da senhora Brenninkmeijer e sinto-me feliz por estes fiéis laicos levarem tão a sério a responsabilidade de fazer algo pela Igreja. Também fico muito satisfeito em ver e ouvir que têm atitudes e orientações absolutamente em harmonia com as indicações contidas nas regras concebidas pelo nosso fundador Santo Inácio enquanto regulador para o *sentire cum Ecclesia*.

Como já é de seu conhecimento, a Companhia de Jesus mantém-se ao serviço absoluto do Santo Padre e da Igreja.

Como já dissemos antes, o texto poderia, à primeira vista, ser tão só uma simples demonstração de respeito de alguns leigos para com

---

<sup>1</sup> Ver <http://www.sjweb.info/>



CURIA GENERALIZIA DELLA COMPAGNIA DI GESÙ

PERVENUTO IL  
12 NOV. 2011

Santo Padre,

Ho avuto il piacere e il privilegio di incontrare e conversare con Mr. Huber & Mrs. Aldegonde Brenninkmeijer, antichi e grandi benefattori della Chiesa e della Compagnia di Gesù.

Una delle cose che più mi colpiscono quando parlo con loro è il loro sincero e profondo amore per la Chiesa e per il Santo Padre, come pure il loro impegno nel fare qualcosa per venire incontro a quella che essi ritengono essere una grave crisi all'interno della Chiesa.

Mi hanno chiesto di garantire loro che questa lettera, scritta con il cuore, giunga nelle mani di Vostra Santità, senza intermediari. Per questo ho domandato al p. Lombardi di fungere da messaggero. Chiedo umilmente perdono se questo non fosse il modo appropriato.

Devo dire che condivido le preoccupazioni di Mr. & Mrs. Brenninkmeijer e che sono molto edificato dal fatto che questi fedeli laici prendano così sul serio la responsabilità di fare qualcosa per la Chiesa. Mi sento anche molto animato nel vedere e ascoltare da loro degli atteggiamenti e degli orientamenti interamente in armonia con le indicazioni che abbiamo ricevuto dal nostro Fondatore Sant'Ignazio nelle sue Regole per "sentire cum Ecclesia".

Come Lei sa, la Compagnia di Gesù continua a essere totalmente al suo servizio e a servizio della Chiesa.

Nella comunione del Signore Gesù,

S. J.

Adolfo Nicolás, S.J.

VISTO DAL SANTO PADRE  
14 NOV. 2011

o Santo Padre. Contudo, é muito mais do que isso: trata-se de uma clara chamada de atenção do «papa negro» ao papa de Roma. «O que mais me impressiona, quando falo com eles, é o seu sincero e profundo amor para com a Igreja e para com o Santo Padre e também o seu compromisso em fazer algo que possa influenciar naquilo que consideram uma grave crise na Igreja.» E dois parágrafos mais abaixo: «Partilho as preocupações do senhor e da senhora Brenninkmeijer.» De facto, este é o principal ponto de inflexão. Tanto a carta de Nicolás como a carta escrita pelos Brenninkmeijer constituem uma clara acusação contra a cúria do Vaticano, em particular, e contra a hierarquia católica no geral. No texto que dirigiram ao papa, os Brenninkmeijer denunciam o papel do dinheiro em muitos departamentos da Igreja e fazem uma crítica aberta ao Conselho Pontifício para a Família, o qual acusam de «se servir de colaboradores demasiado ingénuos e acríticos, em vez de empregar pessoas que possam e queiram agir no sentido determinado pelo Concílio Vaticano II». Depois de um comentário sincero sobre a grande quantidade de crentes europeus cultos que abandonam a Igreja, embora não abandonem a sua fé, Huber e Aldegonde Brenninkmeijer concentraram o seu ataque no jovem arcebispo de Utreque, Willem Jacobus Eijk<sup>1</sup>. Os leigos rotulam-no de «conservador», tanto no campo teológico litúrgico como no da moral. Eijk tornara-se famoso na Holanda devido às suas declarações explosivas sobre a homossexualidade, o consumo de drogas, a união de facto, a manipulação genética ou a eutanásia (monsenhor Eijk baseara a sua tese de doutoramento em Medicina e Filosofia nestes últimos dois aspetos).

As cartas de Adolfo Nicolás e do casal Brenninkmeijer foram recebidas em meados de novembro, mesmo na altura em que se começavam a definir os nomes dos bispos que seriam elevados ao grau de cardeal no consistório de 18 de fevereiro do ano seguinte. Nessa lista constava o nome de Eijk. Ao que parece, segundo alguns vaticanistas,

---

<sup>1</sup> Sua Eminência Willem Jacobus Eijk foi nomeado arcebispo de Utreque pelo papa Bento XVI a 11 de dezembro de 2007, e elevado ao grau de cardeal a 18 de fevereiro de 2012.

a única coisa que estas cartas conseguiram foi reforçar a posição de Ratzinger no que dizia respeito ao seu apoio ao «conservador» monsenhor Willem Jacobus Eijk. De facto, fazendo caso omissos dos dois escritos, Bento XVI entregou o barrete cardinalício a Eijk, confirmou-o como membro da Congregação para o Clero e, como se isso não bastasse, nomeou-o membro da importante Congregação para a Educação Católica. Talvez Bento XVI tivesse visto na carta do geral dos jesuítas uma clara interferência na sua liderança. Certo é que, apesar dos conselhos de Nicolás e do casal Brenninkmeijer, o papa reforçou a posição dos «conservadores» numa sede como a de Utreque. Sua Eminência o cardeal Willem Jacobus Eijk, fiel seguidor do cardeal Bertone, representa o que já muitos definiram como a «juventude neoconservadora» entre os mais antigos membros da cúria e do Sacro Colégio Cardinalício.

#### TARCISIO BERTONE, UMA PERSONAGEM PARA A POLÊMICA

Em 2009, já cansado das lutas internas dentro da Santa Sé, o papa Bento XVI escreveu, numa carta dirigida aos bispos, aquilo que se viria a tornar uma séria advertência: «Se vos mordeis e devorais uns aos outros, acabareis por vos destruir mutuamente.» Estava claro que o Sumo Pontífice se sentia como um Jesus rodeado por apóstolos que se digladiavam em setores, famílias, interesses, riqueza e poder.

A fuga de documentos que fez rebentar o caso *Vatileaks* punha a nu a evidência de que o Vaticano se tinha convertido num autêntico campo de batalha, entre fações da cúria, e Tarcisio Bertone era o que ficava pior na fotografia. Em quase todos eles, o número dois do Estado do Vaticano surgia como um autêntico conspirador, ambicioso, manipulador e inimigo da transparência. O mesmo jornal chegou a afirmar que Bento XVI já tinha manifestado aos cardeais Camilo Ruini, Marc Ouellet, Jean-Louis Tauran, George Pell e a Josef Tomko, conhecidos no Vaticano como os «cinco sábios», que Bertone não continuaria no seu posto «por vontade própria» e que iria pedir permissão ao Santo Padre para se poder retirar, pois há já três anos que

atingira o limite de idade de jubilação para os religiosos, que é aos setenta e cinco anos<sup>1</sup>. O mais prestigiado jornal italiano afirmava que Bertone, um dos mais estreitos colaboradores do papa, desde a sua etapa como perfeito da Congregação para a Doutrina da Fé, era alvo de críticas dentro da cúria devido ao seu «mau governo». À vista destas graves acusações, o próprio Bertone tomou a palavra, numa entrevista concedida à revista *Famiglia Cristiana*: «Os jornalistas são os responsáveis pelo clima de mesquinhez, mentiras e calúnias. Divertem-se a imitar Dan Brown. Inventam fábulas e lendas. É tudo falso. Há uma vontade de dividir que vem do Diabo», disse.

Eram muitos, católicos e não católicos, os que se interrogavam: Quem é este homem que gera o ódio e a admiração na mesma medida? Quem é realmente este especialista no Terceiro Segredo de Fátima? Quem é este diplomata perito em Direito Canónico, que fala fluentemente italiano, francês, inglês, espanhol, alemão, português, polaco, latim, grego e hebraico? Nascido a 2 de dezembro de 1934, em Romano Canavese, na região de Piemonte, o futuro cardeal Bertone foi criado numa casa onde reinava um claro sentimento antifascista. Em 1950, no dia exatamente a seguir a ter celebrado os seus dezasseis anos, decidiu entrar no seminário dos salesianos e, dez anos, depois seria ordenado sacerdote. O futuro secretário de Estado obteve o doutoramento em Direito Canónico, com uma tese sobre o governo da Igreja durante o pontificado de Bento XIV. Os anos seguintes da vida de Bertone foram dedicados ao ensino na Pontifícia Universidade Salesiana até que, em 1988, foi chamado pelo então cardeal Joseph Ratzinger, poderoso perfeito da Congregação para a Doutrina da Fé, para fazer parte do comité de especialistas que estava incumbido de negociar com os excomungados lefebvristas o seu possível regresso à disciplina de Roma. O seu trabalho no comité fez com que, a 4 de junho de 1991, o papa João Paulo II o nomeasse bispo. Dez anos mais tarde, o mesmo Sumo Pontífice, por indicação de Ratzinger, pediu-lhe que participasse numa equipa de negociação que devia convencer Emmanuel Milingo, arcebispo emérito de Lusaka, a regressar à Igreja

---

<sup>1</sup> O cardeal Tarcisio Bertone celebrou o seu septuagésimo quinto aniversário a 2 de dezembro de 2009; deixará de ser cardeal-eleitor a 2 de dezembro de 2014, quando celebrar o seu octogésimo aniversário.

Católica. Milingo abandonara a disciplina de Roma, após contrair matrimónio com uma mulher membro da seita Moon.

Finalmente, no consistório realizado a 21 de outubro de 2003, Tarcisio Bertone foi elevado ao grau de cardeal pelo papa João Paulo II, o que lhe permitiu participar como cardeal-eleitor no conclave de 2005, do qual sairia eleito Joseph Ratzinger como Sumo Pontífice. Diz-se que, ao longo dos dias (e das quatro votações) que durou o conclave, Bertone se tornou no «chefe de campanha» de Ratzinger: lutou contra os anti-Ratzinger, concentrou os pró-Ratzinger num bloco compacto e, finalmente, desencorajou os que tinham possibilidades de serem eleitos. Como prémio, em 2006, o já Bento XVI livrou-se de um incómodo Angelo Sodano através da nomeação de Bertone para secretário de Estado e, um ano depois, a 4 de abril de 2007, camerlengo da Câmara Apostólica, ou seja, o homem que deveria ocupar o lugar de papa «em funções» durante a chamada «sede vacante» após o falecimento de Bento XVI e antes da nomeação do seu sucessor no conclave seguinte. Estes dois cargos, que não tinham sido desempenhados por uma mesma pessoa desde a época do cardeal Jean-Marie Villot, deram a Tarcisio Bertone um poder inusitado dentro da Santa Sé, o que suscitou uma chuva de críticas oriundas dos mais amplos setores do Colégio Cardinalício.

Desde que Bertone assumiu o seu novo cargo ao lado do papa, a polémica não mais o abandonou devido às gafes contínuas. A primeira delas ocorreu duas semanas antes de assumir o cargo, quando, numa entrevista, falou acerca de uma reforma necessária da cúria, algo que a máquina de João Paulo II, que continuava a dirigir os departamentos do Vaticano, não gostou nada. Bertone disse: «Depois de quase duas décadas, é mais do que compreensível que se realize uma avaliação da organização dos Dicastérios com o intuito de refletir sobre como reorganizar as estruturas existentes de forma mais eficiente para a missão da Igreja e, eventualmente, considerar se se deve manter todas elas<sup>1</sup>.» É curioso que a entrevista dada à agência noticiosa *Catholic*

---

<sup>1</sup> *Catholic News*, «Cardinal Bertone Wants to be Secretary of Church, Not State», 31 de agosto de 2006.



*News*, tenha surgido com o título «O Cardeal Bertone quer ser secretário da Igreja e não de Estado», destacando assim uma clara e desmedida ambição.

Em dezembro de 2006, provocou um sério conflito inter-religioso, primeiro com os ortodoxos e depois com os judeus. O primeiro caso foi desencadeado a 5 de dezembro, quando o patriarca Alexius II acusou abertamente a Santa Sé de fazer uma «política muito hostil, por [a Igreja católica] ter levado a cabo uma autêntica caça furtiva em terras ortodoxas da Rússia e em outras ex-repúblicas soviéticas». Como resposta a esta acusação, o cardeal Bertone afirmou: «Não queremos realizar o proselitismo na Rússia». Certamente, estaria a mentir<sup>1</sup>. O segundo caso teve lugar a 5 de junho de 2007, quando o cardeal secretário de Estado Bertone, numa conferência para a apresentação de uma nova biografia de Pio XII, defendeu o papa perante as denúncias de «indiferença» para com os judeus, durante o período negro do Holocausto. O número dois do Vaticano condenou esta acusação como uma «lenda negra e um ataque à sensatez e à racionalidade que chegou a ser tão firmemente defendida que, mesmo nestas alturas, é uma tarefa árdua contrariá-la». As autoridades judaicas em Itália e em Israel apresentaram um protesto formal à Santa Sé por tais declarações.

No entanto as polémicas provocadas por Tarcisio Bertone não ficaram por ali. Numa entrevista concedida ao jornal francês *Le Figaro*, a 31 de março de 2007, e publicada dois dias depois, o cardeal Bertone confirmou a publicação iminente do muito esperado *Motu Proprio* de Bento XVI, pelo que se estendia o indulto para a celebração da «missa tridentina». Contudo a verdadeira polémica estalou quando o cardeal Bertone fez uma acusação aberta contra a imprensa por «pôr em destaque as opiniões do Vaticano em matéria de sexo [pedofilia e abusos sexuais por parte de religiosos], enquanto mantinha um silêncio ensurdecador sobre o trabalho de caridade realizado por milhares de organizações católicas espalhadas por todo o mundo». E Bertone continuou: «Vejo uma grande fixação da parte de alguns jornalistas em intrrometer-se em questões morais, tais como o aborto e as uniões homossexuais que são, sem dúvida, questões importantes, mas que em nada constituem

---

<sup>1</sup> *Zenit*, «Cardeal Bertone: We Don't Proselytize», 5 de dezembro de 2006.

o pensamento e a obra da Igreja». Uma vez mais, a polémica estava instalada<sup>1</sup>. A 31 de dezembro de 2007, Bertone afirmou que «a Igreja consideraria a adoção de medidas mais fortes contra os narcotraficantes. Esta ação poderia, quiçá, incluir a excomunhão». E fez outra declaração ainda mais alarmante sobre «a preocupação da Igreja perante o “desastre” da droga que alimenta ainda mais a violência», mesmo antes da visita oficial de Bento XVI ao México.

As críticas a Tarcisio Bertone vinham não só do interior dos muros do Vaticano, mas também do exterior, através de três importantes vaticanistas. O escritor Geoffrey Robertson, na sua obra *The Case of The Pope: Vatican Accountability for Human Rights Abuse*, critica abertamente o cardeal Bertone pela sua rejeição da exigência de que um bispo estivesse obrigado a entrar em contacto com a polícia para denunciar um sacerdote que tivesse admitido ter cometido qualquer delito de pedofilia. Bertone sustentava que, «se um sacerdote não puder confiar no seu bispo por receio de ser denunciado, tal implica que deixe de existir liberdade de consciência». Na Páscoa de 2010, o secretário de Estado atribuiu publicamente as culpas pelos escândalos sexuais que atentavam contra crianças «à infiltração de homossexuais no clero<sup>2</sup>». Sandro Magister, outro vaticanista, criticou-o por expor Bento XVI a «controvérsias públicas», como a que ocorreu com as nomeações episcopais em Itália ou na Polónia. Magister afirmou que «existia um sério problema entre comunicação e governo no interior do Vaticano».

No entanto, foi a obra escrita por Tarcisio Bertone sobre o «Terceiro Segredo de Fátima», intitulado *A Última Vidente de Fátima*<sup>3</sup> que viria a despertar as maiores críticas por parte do vaticanista Antonio Succi. O jornalista publicou um artigo no qual se interrogava: «Estimado cardeal Bertone, quem, entre o senhor e eu, está a mentir deliberadamente?... E por favor, não fale da maçonaria<sup>4</sup>». Succi referia-se, no seu artigo, à obra escrita pelo advogado católico Christopher

---

<sup>1</sup> *Le Figaro*, «Bertone: «Foi et raison ne s'opposent pas»», 2 de abril de 2007.

<sup>2</sup> Geoffrey Robertson, *The Case Of The Pope: Vatican Accountability for Human Rights Abuse*, Nova Iorque, Penguin Global, 2010.

<sup>3</sup> Cardeal Tarcisio Bertone, *The Last Secret of Fatima*, Nova Iorque, Doubleday Religion, 2008. [*A Última Vidente de Fátima*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2010.]

<sup>4</sup> The Fatima Network, «Dear Cardinal Bertone: Who Between, You and Me, is Deliberately Lying?... And Please Don't Mention Freemasonry», 5 de dezembro de 2006.

Ferrara, *The Secret Still Hidden*<sup>1</sup>, que contém um anexo intitulado «101 motivos para duvidar das afirmações do cardeal Bertone». Ferrara acusava o secretário de Estado de estar envolvido num engano sistemático, juntamente com Sodano e Ratzinger, para ocultar a existência de um documento no qual surgiriam as palavras da Virgem Maria e que alguns acreditam conter informações sobre o Apocalipse e a chegada de uma grande onda apostólica. Bertone nunca respondeu a esta acusação.

### O NOSSO HOMEM EM MILÃO

O poderoso arcebispado de Milão é, desde há muito, um campo de batalha entre «diplomatas» e «bertonianos» devido, principalmente, à questão da aquisição do hospital San Raffaele com dinheiro do IOR, em 2011<sup>2</sup>. Gotti Tedeschi, ex-presidente do Banco do Vaticano, estava a favor da operação num primeiro momento, mas depois, tendo estudado as contas a vermelho do hospital San Raffaele, decidiu mudar de opinião e colocar-se na mesma linha dos cardeais Attilio Nicora e Dionigi Tettamanzi. Nem sequer Bento XVI estava de acordo com a aquisição do dito hospital. De uma forma bastante pragmática, o papa, neste caso muito mais mundano do que espiritual, garantiu que, não só no hospital como também nos edifícios anexos da Universidade, se lecionavam aulas e decorriam práticas de investigação médica que estavam em total confronto com a doutrina católica. «Não se pode substituir em bloco médicos, cientistas e professores», diz-se que confidenciou Bento XVI ao cardeal Camilo Ruini, então presidente da Conferência Episcopal Italiana (CEI).

Para adquirir a clínica Gemelli e o hospital San Raffaele, Bertone devia antes controlar o Instituto Giuseppe Toniolo de Estudos Superiores, acionista de ambos os estabelecimentos. No entanto, havia um problema: o Instituto Toniolo era um barco capitaneado pela Conferência Episcopal Italiana e presidido pelo arcebispo de Milão, sendo

---

<sup>1</sup> Christopher Ferrara, *The Secret Still Hidden*, Good Counsel Publications, Nova Iorque, Buffalo, 2008.

<sup>2</sup> Ver capítulo 6: «Ettore Gotti Tedeschi, o “banqueiro de Deus”».

os dois organismos liderados por diplomatas afetos ao cardeal Sodano e adversários de Bertone. Este tentou uma abordagem a Toniolo com o único objetivo de afastar Camillo Ruini do seu caminho. Para isso, devia acabar primeiro com um importante pilar do poder deste no Instituto Toniolo, Dino Boffo, diretor do jornal *Avvenire*, propriedade da CEI e membro do conselho do Instituto Toniolo, que não fazia mais senão criticar, a partir das páginas do jornal, o desejo de Bertone em assumir o controlo dos dois hospitais. Assim, teve início uma campanha «de interesses» contra Boffo, a quem se chegou a acusar de homossexualidade<sup>1</sup>. No fim, os apoiantes de Angelo Sodano conseguiram manter o controlo do Instituto Toniolo de Estudos Superiores e o cardeal Bertone viu-se obrigado a recuar, abandonando o seu sonho de criar um grande grupo hospitalar sob o controlo da Santa Sé e cujas capitánias seriam o hospital San Raffaele de Milão e a clínica Gemelli de Roma, ambos pertencentes à Universidade Católica do Sagrado Coração.

Contudo Bertone não iria esquecer a derrota e o arcebispado de Milão tornar-se-ia mais um barco que tentaria abordar. A 2 de março de 2011, monsenhor Giuseppe Bertello<sup>2</sup>, núncio papal em Itália e membro da guarda pretoriana de Bertone, receberia uma carta de Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação. O texto, de três páginas, estava dividido em sete pontos, aos quais acrescia uma importante secção na qual Carrón apresentava, abertamente, uma recomendação quanto à pessoa que deveria ocupar o cargo de arcebispo de Milão. No princípio da carta, Carrón faz um breve resumo da crise de fé na sociedade, da crise de vocações, da confusão dos fiéis com o léxico utilizado por muitos religiosos nas missas, dos «movimentos católicos» como uma ajuda à Igreja e não como uma «Igreja paralela». Contudo, nos parágrafos finais, Julián Carrón lança a Bertello o nome do candidato ideal para ocupar o posto de arcebispo de Milão.

---

<sup>1</sup> Ver capítulo 8: «A guerra suja nos meios sagrados».

<sup>2</sup> Monsenhor Giuseppe Bertello foi elevado ao grau de cardeal a 18 de fevereiro de 2012 e nomeado presidente da Governação do Estado da Cidade do Vaticano.